

ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 2014

Excedentes são usados para reforço de caixa

Entre as linhas de produção e a geração de energia, o professor do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da Universidade de São Paulo (USP) Ildo Sauer, destaca os ganhos da autogeração do insumo de uma fábrica de alumínio. Para produzir uma tonelada do metal, a empresa consome 14,8 MWh. No mercado de curto prazo, esse volume de energia vale R\$ 12 mil ou US\$ 5,4 mil. Uma tonelada de alumínio vale US\$ 2,5 mil no mercado mundial. Ou seja, vender energia vale mais do que o dobro. "O absurdo não é a tonelada de alumínio estar US\$ 2,5 mil no mercado mundial, mas sim a energia estar precificada em R\$ 822,83 o megawatt/hora (MWh), quando o custo na hidrelétrica é de R\$ 100 a R\$ 120", compara. Para ele, não é ético que uma energia que custe R\$ 100 seja vendida por oito vezes mais. "As empresas,

quando lucram, embolsam, quando têm prejuízo, o governo tem que ajudar", lamenta.

Rafael Herzberg, da Interact Energia, considera que as empresas que têm energia estão aproveitando uma situação episódica para fazer caixa. "Mas as outras estão numa situação muito delicada, porque poucas indústrias podem se dar ao luxo de pagar energia cara para produzir. O setor industrial já perdeu muita margem e competitividade. Eu vejo o mercado corporativo com muita preocupação", analisa. Para ele, a falta de sinalização clara do governo atrapalha o processo decisório das empresas. "Não existe lógica, existe muita arbitrariedade. Isso não só afasta investidores como empurra nossa indústria para fora do país. Outra tendência que tenho notado é pessoa jurídica que queria vir montar

fábricas no Brasil agora licenciam uma empresa local para não tomar o risco Brasil. Isso é ruim para a economia", destaca.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, diz que o país vive um paradoxo, com múltiplas condições de gerar energia, mas com um gargalo na ponta. Além do preço alto da energia, quando falta chuva e as termelétricas são acionadas produzindo ao ritmo pleno, o que acontece ininterruptamente desde 2012, os encargos na conta de luz chegam a 40%. "É um movimento natural de quem tinha excedente e o coloca no mercado. Dado o cenário atual, faz sentido do ponto de vista econômico", pondera.

Raul Velloso, especialista em contas públicas e autor do livro Energia Elétrica a Caminho do Estrangulamento, explica que a crise

do setor é de oferta. Ele lembra que foi construído um sistema de térmicas para emergências para ser usado por pouco tempo porque é caro. Só que desde 2012 elas são acionadas em tempo integral. "Isso reflete no fato de que a oferta não está se ajustando à demanda. Esse descompasso é resultado da escolha do governo pela modicidade tarifária, ou seja, a menor tarifa". A ênfase nesse modelo, na opinião de Velloso, desestimula a oferta.

"A iniciativa privada fica sem interesse de investir em projetos para gerar mais energia, enquanto as empresas públicas enfrentam dificuldades de conseguir financiamento e não respondem na velocidade necessária para suprir a falta de oferta. O outro problema é que quem está no mercado tem que vender a energia muito abaixo do custo", resume. (SK)

Entre as linhas de produção e a geração de energia, o professor do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da Universidade de São Paulo (USP) Ildo Sauer, destaca os ganhos da autogeração do insumo de uma fábrica de alumínio. Para produzir uma tonelada do metal, a empresa consome 14,8 MWh. No mercado de curto prazo, esse volume de energia vale R\$ 12 mil ou US\$ 5,4 mil. Uma tonelada de alumínio vale US\$ 2,5 mil no mercado mundial. Ou seja, vender energia vale mais do que o dobro. "O absurdo não é a tonelada de alumínio estar U\$ 2,5 mil no mercado mundial, mas sim a energia estar precificada em R\$ 822,83 o megawatt/hora (MWh), quando o custo na hidrelétrica é de R\$ 100 a R\$ 120", compara.

Para ele, não é ético que uma energia que custe R\$ 100 seja vendida por oito vezes mais. "As empresas, quando lucram, embolsam, quando têm prejuízo, o governo tem que ajudar", lamenta.

Rafael Herzberg, da Interact Energia, considera que as empresas que têm energia estão aproveitando uma situação episódica para fazer caixa. "Mas as outras estão numa situação muito delicada, porque poucas indústrias podem se dar ao luxo de pagar energia cara para produzir. O setor industrial já perdeu muita margem e competitividade. Eu vejo o mercado corporativo com muita preocupação", analisa. Para ele, a falta de sinalização clara do governo atrapalha o processo decisório das empresas. "Não existe lógica, existe muita arbitrariedade. Isso não só afasta investidores como empurra nossa indústria para fora do país. Outra tendência que tenho notado é pessoa jurídica que queria vir montar fábricas no Brasil agora licenciam uma empresa local para não tomar o risco Brasil. Isso é ruim para a economia", destaca.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, diz que o país vive um paradoxo, com múltiplas condições de gerar energia, mas com um gargalo na ponta. Além do preço alto da energia, quando falta chuva e as termelétricas são acionadas produzindo ao ritmo pleno, o que acontece ininterruptamente desde 2012, os encargos na conta de luz chegam a 40%. "É um movimento natural de quem tinha excedente e o coloca no mercado. Dado o cenário atual, faz sentido do ponto de vista econômico", pondera.

Raul Velloso, especialista em contas públicas e autor do livro Energia Elétrica a Caminho do Estrangulamento, explica que a crise do setor é de oferta. Ele lembra que foi construído um sistema de térmicas para emergências para ser usado por pouco tempo porque é caro. Só que desde 2012 elas são acionadas em tempo integral. "Isso reflete no fato de que a oferta não está se ajustando à demanda. Esse descompasso é resultado da escolha do governo pela modicidade tarifária, ou seja, a menor tarifa". A ênfase nesse modelo, na opinião de Velloso, desestimula a oferta.

"A iniciativa privada fica sem interesse de investir em projetos para gerar mais energia, enquanto as empresas públicas enfrentam dificuldades de conseguir financiamento e não respondem na velocidade necessária para suprir a falta de oferta. O outro problema é que quem está no mercado tem que vender a energia muito abaixo do custo", resume. (SK)